

"TAÇA DE PORTUGAL"

NO JOGO SPORTING — F. C. PORTO

Aparatosa defesa de Azevedo, na qual parece carregado... pelos próprios defesas "jeoninos"... Correia Dias chegou tarde desta vez...

(foto Nunes de Almeida)

Stadium

N.º 73 ★ 26 DE ABRIL DE 1944



DOS OITAVOS PARA OS QUARTOS DE FINAL

A actuação dos concorrentes — Algumas surpresas — Grupos que firmam posição — Uma síntese dos oito desafios

por TAVARES DA SILVA

TODOS os torneios dão alegrias e tristezas aos clubes e aos adeptos. Mas, na Taça de Portugal, dado o mal incurável que representa a derrota, os desgostos são mais profundos.

Já se disputaram os chamados oitavos. E, verdade seja, as surpresas não faltaram numa prova que costuma dar surpresas.

Dum modo geral, pode dizer-se que todos os *teams* se portaram bem, mas a honra maior vai, sem dúvida, para os *teams* modestos que à força de entusiasmo e vibração, conseguiram se não abalar, ao menos, dificultarem o triunfo aos poderosos.

S'mando as duas mãos, teremos: Académica 13 — Salgueiros 3; Belenenses 4 — Atlético 0; Benfica 8 — Lusos de Beja 2; Estoril 6 — Unidos 3; União de Coimbra 4 — Olhanense 3; Pórtio 5 — Sporting 3; Vitória de Guimarães 6 — Vila Real 4; Vitória de Setúbal 3 — Famacção 1.

Ficaram apurados, para continuarem na prova: Lisboa — Benfica, Belenenses e Estoril Praia, Coimbra — Académica e União de Coimbra, Pórtio — Futebol Club do Pórtio, Braga — Vitória de Guimarães, Setúbal — Vitória.

A exclusão do Sporting, campeão nacional, impressiona. Mas estes casos são vulgares, e tudo indicava que a equipa leonina, submetida a esforço violento no *sprint* do campeonato nacional, já não tivesse forças suficientes para dominar as circunstâncias. Lembra nos uma época em que em Espanha sucedeu o mesmo. O Valência, de posse da Liga, arrumou as botas logo na primeira eliminatória.

Já impressiona mais a exclusão do Olhanense. Tudo tem, no entanto, justificação. O União de Coimbra, fortalecido com um resultado volumoso, apresentou-se em Olhão muito valorizado, conseguindo não naufragar.

O primeiro degrau foi transposto. Os oito escolhidos vão bater-se uns contra os outros. A prova depende, fundamentalmente, do Sorteio que, quando escrevemos, ainda não se realizou.

Temos assinalado devidamente a consolidação da renovação do grupo do Futebol Clube do Pórtio — fei a com inteligência e sentido das realidades. O *team* volta ao padrão do jogo ligado, que tanto o notabilizou, dando-lhe um lugar inconfundível no futebol português, mas sem exagero de passos, antes numa feição prática e realista. Para tanto torna-se necessária a utilização de unidades dexteras. E há desses elementos no campeão do norte.

Mais um vez ficou provado que os interiores representam, no futebol moderno, um papel de grande relevo. Certo, à brilhante forma em que se encontra Sousa (Pinga), que resiste ao tempo, tornando-se um caso à parte no nosso futebol, e à habilidade de Araújo, deve o Pórtio esta sua bela vitória que exercerá, por certo, a maior influência no aperfeiçoamento do conjunto, ajustando e limpando arestas.

Porque, dois bons interiores, suprem a deficiência da linha medular não perdendo, para isso, o sentido do ataque.

Mas as grandes equipas, pelo menos, as equipas portuguesas, não podem ser executantes frias do jogo. Têm de ter a indispensável base do entusiasmo e da vontade.

Avaliando pela amostra do Lumiar, essas preciosas qualidades não faltam no F. C. do Pórtio. É, assim, jogando com vigor e — em desfecho, que se conseguem vitórias. De que serve, por vezes, a mecânica e a ciência, se estes dons podem ser dominados pela fôça da vontade do adversário?

Nem a circunstância dos *leões* não terem sorte diminui um triunfo conquistado com talento. Realmente, a lesão de Mourão, uma pedra indispensável no xadrez leonino, surgiu na pior altura, isto é, quando o Sporting precisava de segurar o resultado, num momento

em que o mais leve deslize poderia ser fatal — como foi, de resto.

Tendo falhado os interiores do Sporting, o grupo ressentiu-se disso, principalmente no aspecto ofensivo. Por outro lado, a defesa contrária, viajando, um sistema de marcação apertada e avançado-centro sportingista, cooptou com importante quinhão no total dos *goals*.

O Benfica jogou sem a mais leve preocupação, inteiramente confiado na sua superioridade.

Consequência d'isto: o grupo perdeu-se em passes sobre passes, numa infinidade de toques para os lados — sem poder de remate por culpa própria.

Longe de constituir uma falha, quando os desafios se apresentam com semelhanças características, mais exibição que competição, o processo dos passes constitui um adestramento do conjunto, permitindo, ainda, o repouso dos jogadores ou uma reserva de energia para os próximos cometimentos.



Memmo assim, o peso do jogo caiu de tal modo sobre o Lusos de Beja, que a sua defesa esteve constantemente em actividade. O guardarede (Valentim) produziu bom trabalho, e toda a defesa, considerada em bloco, cumpriu o seu dever.

O União s'finha as suas possibilidades muito diminuídas, apresentando uma linha média de recurso. Nada mais nada menos que a falta de Baptista e Carlos Pereira — precisamente os que dão a estrutura ao *team*.

O Estoril tirou o maior proveito destas faltas impondo, desde o começo, uma feição de ataque ao jogo desenvolvido.

Neste capítulo, a linha de ataque do vencedor portou-se à altura da missão a desempenhar, com *desenhos* bonitos e a necessária eficiência. E a defesa do União, chamada a terceiro frequentemente nem sempre se bateu com êxito.

O encontro do estádio Padinha era aguardado com viva curiosidade. Sabendo-se, de ante mão, que a luta se deveria resumir ao embate

entre as forças atacantes algarvias e as defensivas de Coimbra.

Ora, a defesa coimbrã portou-se com galhardia. Resam as crônicas: «Com sentido prático na defesa. Aprumo e Valentim». Memmo assim, o Olhanense chegou aos 3:0. Mais um passo, e estaria salvo. Isto fala com eloquência do que seria a pressão algarvia, e dos esforços desesperados postos no campo algarvio.

Estamos, memmo, em crer que o Olhanense somente não conseguiu fazer quatro bolas — porque, necessariamente, precisava de fazer quatro bolas para passar. Cria-se, nesta hipótese, em cada *team* em estado especial. Os jogadores veem os minutos a correr com mais velocidade que de costume, e os *goals* a fugirem. Por outro lado, os que defendem uma posição, à medida que o tempo decorre, como que crescem, em novos estímulos e energias.

O União de Coimbra deixou boa impressão no Algarve. Trata-se dum apontamento valioso, ao memmo tempo que diz ter-se o *team* dado a uma defesa cerrada, também informa que êle não deixou de manter o adversário alerta nas fileiras defensivas.

A Associação Académica, o outro representante de Coimbra, classificou-se sem dificuldades. O *team* coimbrã começou a dominar, e dominando acabou. Ao intervalo ganhava por 4-0.

Estes jogos não têm história. São o que são. Um grupo procurando resistir. Outro aumentando o número de bolas, sem preocupação de maior.

É de assinalar o gesto do capitão do Salgueiros expulsando do terreno o seu colega de equipa, Lopes, por jogo perigoso. É que os clubes costumam indignar-se quando as expulsões são ditadas pelo árbitro — quanto mais pelo próprio capitão!

O Famacção marcou honrosamente a sua entrada na Taça. Mais ainda do que pelo resultado — pelo jogo desenvolvido. Ao contrário da toada de jogo, por alto, do seu adversário, um pouco desconexa, insistiu no passe rasteiro e certo, e ainda com sentido de penetração.

Durante muitos períodos — pode dizer-se — o Famacção jogou no campo de Setúbal, pecando, apenas, por um defeito quasi geral dos grupos nacionais — o mau remate.

O Vitória, em comparação, e tendo em vista a 1.ª mão, fez pior desafio que o seu adversário. O empate, porém, surge como um justo resultado. De resto, o Vitória (Setúbal) deve estar em concentração de energias — tendo em vista o futuro.

O jogo de Vila-Real foi uma verdadeira luta de competição: viva, enérgica, com motivos de agrado.

Ao intervalo, o Vila-Real estava na situação de vencer, mas só por 1:0 com uma bola perto do intervalo. Todavia, o seu jogo era uma ameaça constante para a defesa do Guimarães.

Na 2.ª parte, as coisas complicaram-se porque Ferraz estabeleceu o empate. Então, a partida adquiriu singular vivacidade. Basta dizer que, mais tarde, houve um segundo empate. Só então a luta se decidiu a favor do valoroso grupo de Vila-Real.

O Belenenses Atlético das Salésias confirmou o da Tapadinha. O jogo não atingiu, verdade seja, grande nível técnico. Foi, no entanto, agradável e suficiente, contribuindo para o efeito a excelência dum campo, que dá ao futebol um grande encanto.

Em conjunto — o Belenenses cotou-se como o melhor. Tendo dominado na primeira parte, aceitou a pressão do adversário na segunda, sem se desunir, isto é, mantendo intacta a sua organização tanto defensiva como ofensiva — se bem que aquela desempenhava uma função, de momento mais importante.

O Atlético não alinhou com Gregório — falta sensível, pois se trata dum verdadeiro pilar do grupo. O conhecido médio-centro seria um elemento precioso nas fases de insistência do Atlético que o desafio comportou. Tanto mais notando-se, como se notou sensível abaixamento na linha média belenense.

As diferentes fases do jogo, já assinaladas, são marcadas pela exibição dos guarda-redes. Armando Jorge teve um trabalho incansável na primeira parte, a que correspondeu o trabalho de Salvador no segundo tempo.

AO dar início a estas prometidas indicações técnicas sobre o jogo do «futebol rugby», parto de dois princípios, que considero fundamentais: 1.º — para apreciar qualquer modalidade desportiva é indispensável compreender-lhe a mecânica e os objectivos; 2.º — em Lisboa joga-se mal porque os praticantes desconhecem, na enorme maioria, as regras a que devem cingir-se e as manobras mais uteis para alcançarem o seu fim.

Posto isto, embora para alguns seja aborrecida esta primeira crónica, tenho de começar pelo princípio... Paciência... Mas leiam com atenção, porque alguma coisa hão-de lucrar.

Depois do sinal do árbitro para começo do jogo, é permitido a todos os jogadores não deslocados (adiante veremos quais são estes) dar pontapé na bola, apanhá-la ou correr com ela, empurrá-la ou passá-la para trás; como excepção importante, não é permito tocar na bola quando esteja dentro da formação ou quando foi colocada no solo por um jogador bloqueado.

O jogador bloqueado é aquele que está agarrado por um ou mais adversários; quer se mantenha de pé, quer tenha sido derrubado, fica com os movimentos presos de maneira a não lhe ser possível jogar a bola; o jogador em tal situação deve, imediatamente, largar a bola, sob pena de ser castigado com um pontapé livre.

Considera-se em deslocação, não podendo por conseguinte intervir na jogada, todo aquele que: 1.º procura entrar na formação pelo lado do adversário; 2.º se encontra por qualquer circunstância mais adiantado, em relação à linha de baliza adversária, do que o companheiro de equip; que, voluntariamente ou não, tocou na bola em último lugar; 3.º no lançamento da linha lateral, se coloca além da perpendicular do lançamento.

RUGBY

Vamos aprender como se joga?

I — O que os jogadores podem e não podem fazer

A situação inibitória de deslocação desaparece logo que um adversário corra cinco metros com a bola, lhe dê um pontapé ou lhe toque sem conseguir agarrá-la, ou ainda quando a bola venha a tocar no corpo de um adversário; quando o companheiro de equipa que tocou na bola em último lugar, ou que a transporta consigo, o ultrapassa no sentido do campo adversário.

A lei estipula ainda que o jogador deslocado se deve afastar dez metros do adversário que se prepara para apanhar a bola; isto significa que o jogador deslocado que se deixa ficar, mesmo em passiva imobilidade, a menos de dez metros do adversário que se apossa da bola, comete falta e não pode, por conseguinte, intervir na sequência da jogada, seja qual for a sua marcha. Os jogadores portugueses ignoram em absoluto esta determinação da regra, que os árbitros também se dispõem a punir.

As faltas cometidas em jogo são castigadas de duas maneiras diferentes: com uma formação ou com um pontapé livre.

A formação, em rigor, é aplicada apenas a dois casos: passe adiantado involuntário e mau lançamento da linha; a regra consente, em determinados casos, que a equipa beneficiária opte por uma formação ou um pontapé livre. O árbitro não deve castigar o passe adiantado quando o adversário tenha obtido vantagem na falta, porque marcasse uma paragem directa ou porque conseguisse a intercepção do passe.

Todas as outras faltas são punidas com pontapés livres e, quando assim não suceda, é

porque o árbitro entendeu dever usar de benevolência, que os avançados certamente lhe não agradecem pelo suplemento de esforço a que os obriga. Chama-se pagar o justo pelo peccador...

O lançamento da linha lateral, por cujo intermédio se recomeçam as operações quando a bola foi atirada fora pelos lados do terreno, é uma fase que se presta a inúmeras irregularidades — condenáveis porque lhe estragam a beleza e impedem o seguimento normal do jogo.

O lançamento pertence ao grupo oposto àquele que tocou a bola em último lugar dentro do campo, excepto no caso do portador da bola ser empurrado para fora por um adversário, porque, então, o lançamento é executado pelo grupo a que ele pertence.

A equipa à qual compete a posse da bola, pode escolher o recomeço do jogo por intermédio de uma formação; caso assim não prefira, a bola será atirada na perpendicular à linha lateral e, pelo menos, à distância de cinco metros. Os jogadores podem saltar livremente à bola da posição que ocupam em fileiras paralelas, mas toda a obstrução ao adversário ou ajuda de apoio ao companheiro é considerada grande fraude, punível com pontapé livre.

Os quinze homens que constituem a equipa organizam-se em quatro linhas: oito avançados, dois médios, quatro três- Quartos e o defesa.

O papel dos avançados é essencialmente servir as outras linhas, facilitando-lhes o ataque; dispõem de iniciativa, mas accessória. Recomendamos a leitura deste período aos avançados portugueses.

Compete-lhes o trabalho pesado da formação, bloco sólido e de constituição fixa, cuja eficiência depende do equilíbrio de forças e da coesão de esforços.

A ligação entre os avançados e os três- Quartos é feita pelos médios, dos quais um, o de formação, tem por trabalho principal colaborar com os avançados e colher a bola nas formações, para a entregar, rapidamente, ao outro médio — chamado de abertura, porque é sua função abrir o jogo, lançando os três- Quartos ao assalto, no melhor das circunstâncias de momento.

A linha de três- Quartos encerra a verdadeira força ofensiva da equipa: homens rápidos e ágeis, decididos e destros, representam a cavalaria ligeira que decide a batalha. A sua obrigação consiste em correr no sentido da baliza — e só no sentido da baliza — e entregar a bola a um companheiro antes de ser agarrado pelo adversário.

Finalmente, o defesa, cujas atribuições são, como o nome indica, sobretudo defensivas, deve possuir, a par das qualidades de segurança e decisão, bom pontapé e espírito de iniciativa — afim de tirar das eventualidades do jogo todo o partido para os interesses do seu grupo.

SALAZAR CARREIRA

Uma série de palestras de propaganda

Por iniciativa da Comissão Distrital de Árbitros da A. R. L. começa, na passada semana a série de palestras de divulgação, que vão ser alternadamente pronunciadas nos diversos clubes praticantes, destinadas aos respectivos jogadores e com livre entrada dos de todos os outros clubes.

O primeiro ciclo comportava cinco lições, das quais se efectuaram já três: na sexta-feira, na sede do Atlético Clube de Portugal, pelo nosso camarada dr. Salazar Carreira; sábado, na sede do C. F. «Os Belenenses», a cargo do sr. Alberto Freitas; segunda-feira, na Escola de Medicina Veterinária, dirigiu-se aos jogadores do Estoril Praia o sr. dr. Soares de Albergaria.

Hoje, na sede do Benfica, será conferente o sr. Xavier de Araújo; depois de amanhã, sexta-feira, na sede do Sporting, voltará a falar o dr. Salazar Carreira.

As palestras começam às 21,30 horas.

Impõe-se a separação do pugilismo amador do profissional

Crónica de Rafael Barradas

A organização do pugilismo em Portugal carece, há muito, de bases sólidas, nas quais definitivamente se fixe.

Desde 16 de abril de 1925, data que figura no registo de alvarás da 3.ª Repartição do Governo Civil de Lisboa e que atribui à Federação Portuguesa de Box a sua existência legal, surgiram, e cresceram em importância, as dificuldades de governar e impulsionar esta modalidade desportiva.

Tornou-se vicio atirar culpas sistemáticas e implacáveis para os ombros daqueles que acitavam lugares na gerência do organismo director, atribuindo-lhes incapacidade governativa quando, na maioria dos casos, a moléstia se encontrava fora do seu raio de acção.

Em 1931 tinhamos já encarado o problema nas suas linhas gerais e apresentado ao Inspector Geral dos Espectáculos um memorial, de que extrairamos as seguintes passagens:

«A Federação Portuguesa de Box tem procurado, pelo tempo fora, realizar obra construtiva, regulamentando, policiando, punindo e fomentando o pugilismo nacional. Hoje, porém, não pode mais cumprir o seu papel por várias razões: 1) — Absoluta falta de receitas; 2) — Ausência de autoridade real; 3) — Deficiência de organização estatutária.

F, mais adiante: «Assim, tomamos a liberdade de propor a V. Ex.ª o seguinte: 1.º — Que se crie a Inspeção Pugilística Profissional (que regulamentará e dirigirá tudo o que gravita em torno do profissionalismo do Box, drixando à F. P. B. o cuidado dos amadores); 2.º — Que sejam nomeadas três individualidades idóneas para estudarem e organizarem os estatutos e regulamentos da nova entidade».

O nosso apelo ficou esquecido em alguma gaveta, onde jaz, e as coisas continuavam como dantes, ou seja a exibir as deficiências reconhecidas e irremediáveis.

Actualmente, o problema tem maior possibilidade de solução e a oportunidade é flagrante, como não houve até aqui.

Os desportos encontram-se, em Portugal, orientados superiormente e integrados na educação nacional. As suas vantagens e desvantagens podem, sem atrito nem inércia, alar-

gar-se, umas, e anular-se, outras, sem que laboriosas gestões consumam tempo e energias preciosas.

O pugilismo deve, pois, encontrar agora a solução que lhe convém e que res de nas bases sólidas aludidas no topo deste artigo.

Em primeiro lugar, impõe-se a separação dos amadores e profissionais, criando dois organismos distintos, encarregados, respectivamente, de um e de outro ramo.

Os amadores agitam-se num ambiente próprio — que é o das colectividades: clubes e salas. Estas, organizadas em associações regionais, escolhem a sua federação que, muito acertadamente, poderia denominar-se Federação Nacional do Pugilismo Amador.

Os profissionais têm carácter individualista, ainda que se preveja a existência de agrupamentos de jogadores, reunidos à volta do mesmo «tratador» ou manager. A diversidade de funções desempenhadas por indivíduos que tiram benefício pecuniário imediato do jogo do boxe (árbitros, cronometristas, organizadores, etc.), é incompatível com o actual estado de coisas.

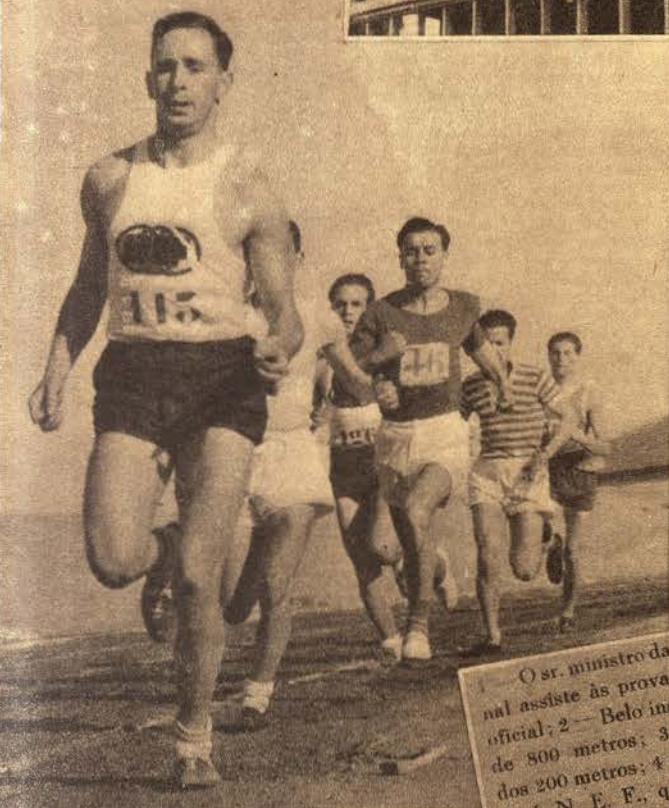
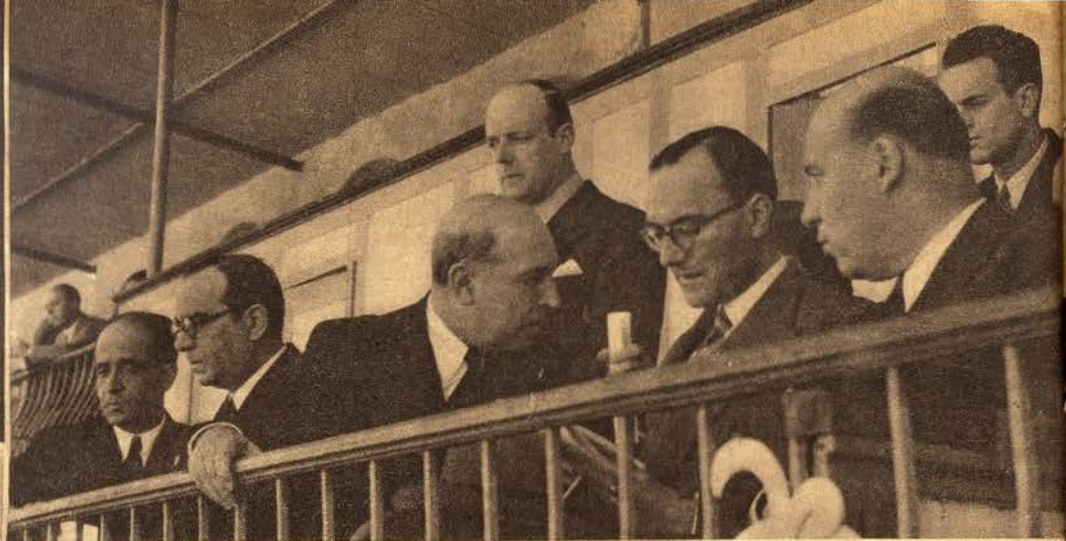
A criação de um organismo composto de 3 a 5 membros, nomeados pela Direcção Geral dos Desportos e trabalhando na montagem dos estatutos e regulamentos exclusivamente profissionais, viria libertar aqueles de uma situação de dependência que em nada os beneficia.

De futuro, haveria dois organismos paralelos e que se completariam — sem se estorarem. Por outro lado, tornar-se-ão mais simples e fáceis a disciplina, o fomento e, até, a vigilância médico-desportiva dos jogadores.

Estamos convencidos de que, desde a seriedade dos espectáculos até ao auxílio aos pugilistas sinistrados ou incapazes, há um vasto programa de melhoramentos a conseguir. Por outro lado, os pugilistas, organizadores, árbitros, etc., passarão a ter o seu lugar ao sol, adquirindo certa individualidade e independência, que os dignificará e que, no momento actual, não possuem, desportivamente falando.

Resumindo: o pugilismo profissional e o amador devem ser definitivamente cindidos, a bem do desporto e dentro dos princípios gerais da Educação Nacional.

Campeonatos UNIVERSITARIOS de ATLETISMO



O sr. ministro da Educação Nacional assiste às provas com o elemento oficial; 2 — Belo instantâneo da prova de 800 metros; 3 — A proclamação dos 200 metros; 4 — Desfile da equipa do I. N. E. F., que triunfou colectivamente; 5 — O vencedor da prova do peso ao executar o lançamento que lhe deu a vitória
(fotos Nunes de Almeida)





NATAÇÃO: "O Dia das Estafetas, no Algés e Dafundo — 1 — Grupo dos concorrentes; 2 — Maria Malheiros Silva, Maria Santos Ferreira e Maria Santos Silva, vencedoras dos 3 x 33 femininos

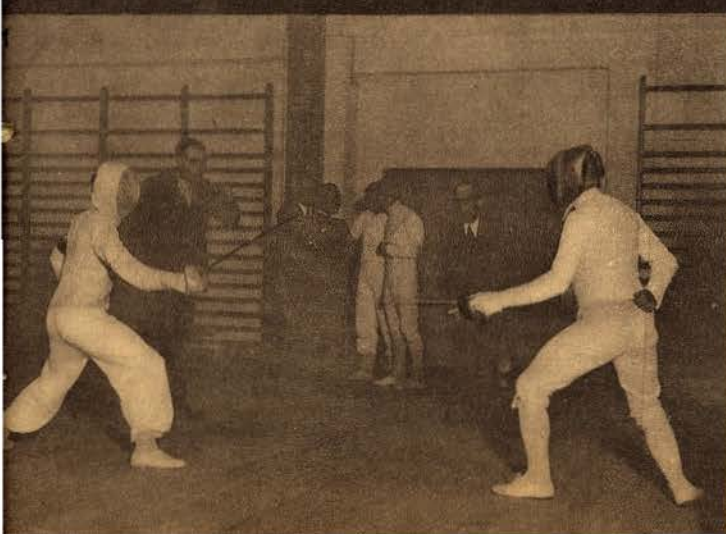
Domingo Desportivo



SURDOS
 Com SONOTONE ouvem bem e recedam os ouvidos. As experiências são grátis.
 Vendemos também:
 óculos de boas lentes, lidas e modernas armações, lupas, binóculos, etc.
 Merece-lhes a pena visitarem as nossas modernas instalações, de estilo americano
Agência C. P. L. ÓPTICA
 Poço do Borretem, 33, s1 LISBOA

CAMPEONATO NACIONAL DE SABRE

1—O assalto entre Jorge Oom, campeão de Portugal, e Jorge Matias, 2.º classificado. 2—Os dez finalistas.



Os campeonatos universitários

Exibição diferente dos atletas consagrados
— Agrádavel revelação de alguns novos

OS campeonatos universitários de atletismo, disputados na sexta-feira e no sábado sob a égide da «Mocidade Portuguesa», tiveram de bons a impecável organização do terreno, disciplina nas provas e revelação de aptidões desconhecidas, e de mau a arrastada marcha das sessões, que acabaram a desoras, a forma deficiente dos atletas de categoria e a técnica rudimentar da maioria, incluindo aqueles que tinham obrigação de saber.

O ambiente e o clima — desculpe-se nos a expressão — do torneio, provaram o bem fundado critério, que sempre defendemos, da inteira independência do desporto académico, que deve viver e agir, tanto na prática como na organização superior, absolutamente alheio das competições e dos organismos federativos, aos quais pedirão apenas a colaboração técnica de juizes oficiais e competentes. O terreno do Estádio apresentava um aspecto encantador; o serviço de informações excedeu tudo o que é habitual e a ordem no campo manteve-se sem os costumes a belhudos a enxamearem por toda a parte onde nada têm que fazer; houve demora evitável, apenas, porque faltou uma pessoa desembarçada e expediente que assumisse a direcção geral do cumprimento do programa. Cabem parte das culpas ao juiz árbitro e outra parte à circunstância atendível de serem concorrentes os rapazes que haviam assumido o pesado encargo da organização.

A concorrência aos campeonatos foi escassa, o que não admira, e relativamente mais escassa ainda a afluência da público, o que não tem explicação possível. Registe-se que a primeira jornada teve uma significativa assistência de escol, com a presença dos srs. Ministro e Sub-Secretário da Educação Nacional, Comissário da «Mocidade Portuguesa», Director geral e Inspectores de Desportos, Sub-director do I. N. E. F., Director do Instituto Superior Técnico, etc.

Significativa manifestação de interesse, que convém tomar como precioso incentivo, para futuros empreendimentos, no meio onde o desporto merece mais res cuidados, porque é onde melhor exerce as suas acções educativas. É um problema de assistência material.

Resultados e campeões

Embora os estudantes do Instituto Nacional de Educação Física — *noblesse oblige* — tivessem conquistado folgadoamente o primeiro lugar na classificação geral, com nove vitórias em quinze provas, o grande triunfador foi, para a nossa maneira de julgar, o Instituto Superior Técnico, segundo classificado com dois títulos e quatro segundos lugares, mas cuja equipa era integralmente «produto da casa».

Muita imperícia ainda, mas o mais louvável espírito de iniciativa e algumas revelações que colocamos sem hesitações à frente das estrelas da campeonato. Foi esta, sem dúvida, a única escola que trabalhou, por conta própria, a preparação de uma equipa própria.

Depois desta apreciação, que é a mais importante, vejamos o que valeram as provas.

Bandeira Bastos (Agronomia) ganhou bem as corridas de velocidade, com 11,3 s. aos 100 m. e 24 s. aos 200 metros. Boa impressão de poder, embora a distância maior seja ainda excessiva para os seus recursos; progrediu e há de progredir.

Não teve adversários perigosos; Tadeu fraqueja muito além dos 150 metros — e o mesmo sucedeu ao pequeno Pires Monteiro, além dos 60 metros. Todos os classificados pertencem a clubes de Lisboa.

Costa Pereira (I. N. E. F.) venceu os 400 m. em 55,9 s. e os 800 m. em 2 m. 12,4 s. Não agradou a sua maneira de correr, de estilo rudimentar, tronco apurado e extensão incompleta da perna impulsora, a prejudicar a passada. Tem muito bom ritmo e uma resistência natural considerável.

Gil Paiva, um dos novos do Técnico, foi

bom segundo nos 800 metros e venceu os 1500 metros em 4 m. 42,5 s., com impressionante ponta final: pode alcançar muito melhor e o seu valor fixar-se-á, de certeza, na distância mais longa.

Fernando Ferreira (I. N. E. F.) ganhou a corrida de barreiras sem adversários conhecedores e assim bastaram uns pobres 16,8 s., indicativos de má forma, que são de economia de energias. Alcançou, ainda, o primeiro lugar no disco, com 32^m98, e foi esta a única prova onde apareceu satisfatoriamente. No dardo, por exemplo, prova que há anos deu esperanças de igualar os melhores, alcançou apenas 36^m53, de todo fora de forma.

O salto em altura foi dos melhores concursos do torneio: Robalo Gouveia (I. N. E. F.) e o estreante Pereira Nunes (I. S. T.) transpuzeram 1^m70 — e qualquer deles esteve a um fio de bater o «record» da categoria. Qualidades excepcionais de elasticidade em ambos e estilo primitivo no segundo, que salta apenas com os seus dotes naturais. Atletas de muito futuro, se o amor ao atletismo lhes impuzer a vontade de preparação e aprendizagem cuidadas.

Mário Lemos (I. N. E. F.) conquistou o prémio da vara, com 3^m10, mas a marca é escassa para os seus recursos; falta-lhe saber quebrar o corpo depois da passagem das pernas. Sai da vara em bandeira e derruba com o peito.

O Técnico apresentou dois alunos de Mário Saraiva: Lopes Alves e Francisco Caetano, muito habilitados.

O vencedor do salto em comprimento foi João Mendonça (Agronomia), com 6^m29, bom resultado, porque a pista de chamada estava muito solta e a tábua mal fixada. É saltador com cartel.

O segundo da prova, Homero Reis, que bateu o «record» do triplo com 13^m01, foi a melhor revelação dos campeonatos; poder, elasticidade, gesto; faltam-lhe apenas os conhecimentos que só o treino proporciona.

O conimbricense Jorge Camões (I. N. E. F.) venceu o pêso, com 11,36, excelente resultado, que demonstra apreciável progresso; corrigidos pequenos defeitos frá, ainda esta época, aos 12 metros.

Finalmente o «engenheiro» Castelo Branco arrancou o triunfo no dardo, com 42^m41 precedendo o seu colega Brito, que atingiu 40^m02; o vencedor marcou nitida superioridade sobre um lote onde sobressaía o geral desconhecimento da técnica do lançamento.

Estão apurados os campeões regionais de «cross»

Nos pitorescos terrenos que circundam o campo do Atlético, fez a Associação disputar os seus campeonatos regionais de corta-mato nas três categorias de principiantes, juniores e seniores.

As provas decorreram com regularidade e e tiveram resultados absolutamente normais, entregando os títulos a quem melhor os mereça; quasi estamos em dizer que os novos campeões de Lisboa são os três melhores especialistas regionais e, numa corrida conjunta, chegariam à meta nos lugares da vanguarda, pela ordem respectiva de categoria e precedendo todos os outros, sem distinção de categorias.

João Silva (Benfica), Afonso Marques (Sporting) e Manuel Gomes (Benfica) encerraram a sua temporada com chave de ouro — e pôde afirmar-se com propriedade que os títulos ficaram onde em verdade competia.

Colectivamente, o Benfica venceu as categorias de seniores e principiantes, com domínio absoluto na primeira, facilitado pelo desaparecimento estranho dos corredores sportingistas; o Sporting triunfou em juniores, a pesar da disparidade de valor do seu terceiro homem.

Ficamos esperando agora pelos campeonatos nacionais, que em princípio devem estar marcados para domingo próximo, mas sobre os quais nada consta ainda. SALAZAR CARREIRA

Quem representará Lisboa NO CAMPEONATO NACIONAL?

DEPOIS da jornada de domingo, com a qual o campeonato de Lisboa retomou a marcha na caminhada final para o desfecho, é esta a interrogação que se impõe a todos os espiritos, como melhor interpretação do principal interesse da prova.

Ao cabo da primeira volta de torneio, os lugares pareciam nitidamente definidos e a escala de valores estabelecida com absoluta regularidade; mas em desporto há sempre que contar com as alterações de forma, com a imprevisível disposição de momento, e o panorama da classificação apresenta-se agora, a três-quartos do percurso, totalmente modificado e influenciável por uma série de hipóteses, todas plausíveis, de cuja solução dependerá a ordem definitiva dos concorrentes.

O Unidos, que tomara tamanha dianteira, que parecia fora do alcance de qualquer competidor na corrida para o título, deixou-se surpreender com um empate com «Os Treze» — empate que nem sequer mereceu, tão fraca foi a sua exibição — e ficou na contingência de vulnerável, embora vaga e pouco provável.

O Estoril, que era o único rival perigoso do Unidos, foi primeiro derrotado pelo Belenenses e agora pelo Sporting, com 10-6 no marcador; em consequência, dissiparam-se-lhe todas as esperanças e perdeu até o cubiceiro segundo lugar.

Arrebataram-lhe os «leões», numa partida a todos os títulos excelente e que foi a melhor da equipe no decurso da prova; progressos animadores para um futuro difícil, pois terão a defrontar ainda o Belenenses, nas Salésias, e o Unidos, no Estádio. Uma vitória em qualquer destes dois encontros deve bastar para garantir ao Sporting o acesso ao campeonato nacional. Finalmente, o Belenenses, que é o terceiro candidato a jogar com os resultados alheios, só pode subir ao segundo lugar se o Sporting perder dois jogos e o Estoril mais um, mantendo-se ele cem por cento vitorioso até ao termo do campeonato.

Para os anadores de cálculos indicamos que o Unidos tem 32 pontos e lhe falta jogar com o Estoril, Internacional e Sporting; o Sporting tem 28 p. e jogará contra Internacional, Belenenses e Unidos; o Estoril conta 27 pontos e os seus adversários serão Unidos, Marvilense e Benfica; o Belenenses somou até agora 25 pontos e tem na frente, ainda, o Benfica, o Sporting e «Os Treze».

Para ajuzar probabilidades não devemos considerar somente os jogos em que os interessados se defrontam, pois quasi todos os restantes competidores possuem valor que justifique um tropeço dos favoritos; veja-se a proeza de «Os Treze» no domingo passado, conseguindo interromper a lista de vitórias do Unidos e o resultado do Marvilense que, no seu campo, derrotou o Benfica por 4-3. O próprio Internacional, cuja inexperience se traduzia em pesados fracessos, bateu o pé ao Belenenses e perdeu apenas por 5-6, tendo chegado ao meio tempo com 4-2 de vantagem.

As exhibições inferiores do Unidos e do Belenenses têm uma explicação parcial e que parece corresponder a processo pouco recomendável de aproveitamento do esforço de certos atletas; tanto uma como outra equipa incluíram, na sua linha, homens que haviam disputado na véspera à noite um desafio muito duro de «basket-ball». Já determinou a Direcção Geral de Desportos que nenhum desportista pode, salvo prévia licença especial, tomar parte em duas competições no mesmo dia, e cremos que o espírito desta determinação melhor se traduz — como sucede no Porto — interpretando por vinte e quatro horas, quer vá da manhã à noite, quer da noite de um dia à manhã do dia seguinte.

Esta apreciação da última jornada não pode ficar completa sem a referência directa ao grupo de «Os Treze» e ao seu surpreendente ressurgimento; vemos um dia a notícia, inesperada a sua desistência do campeonato e por esse motivo não comparece ao jogo contra o Benfica; mas a atitude modifica-se no sentido

História da Carochinha com duas versões

NÃO está nos nossos hábitos meter a foice em seara alheia — mas não podemos ficar indiferentes perante um caso relacionado com a publicação de dois curiosos artigos no excelente semanário «Vida Mundial Ilustrada», os quais, por dizerem respeito a assuntos desportivos, chamaram naturalmente a nossa atenção.

No número 148 da referida revista, o sr. dr. José Ribeiro dos Santos, conhecido jornalista e escritor, publicou uma crónica que intitulou de «Crónica... desportiva». Nesse trabalho, o autor expõe uma série de pensamentos nada agradável para uma causa ao redor da qual gravitam inúmeras boas vontades e que registra muitos sacrifícios para dormir. Seguindo-se rigorosamente este princípio — é quanto basta... Todos serão desportistas e atletas! Se seguirmos, de dedução em dedução, os pensamentos do dr. Ribeiro dos Santos, conclui-se que o desporto é um mito e que andamos a enganar-nos uns aos outros — e a nós próprios.

Na sua crónica, expendem-se ainda outras concepções — com admiração, se não se tem a certeza da consequência de possibilidades materiais — que nos surpreendem por partirem de uma pessoa culta e inteligente. Renegar os seus princípios das práticas desportivas, contrariando o lema de que o desporto é uma escola de civildade, de higiene e de cultura física — são afirmações que não devemos deixar passar sem reprovação.

Evidentemente, se não se que o autor visa na sua crónica qualquer alvo oculto. Mas discordamos que se aproveite do desporto como pretexto, ou disfarce.

Tudo isto ocasionou que o nosso camarada Lauro Moreira saísse a terceiro, na própria «Vida Mundial», duas semanas depois. Esgrimiu como era natural em quem, como desportista eclético, pode falar, por experiência própria, das vantagens da educação física.

Da sua habitual pênica naquela publicação transcrevemos, com a devida vênia:

«O desporto é uma necessidade, cujos alicerces principiam na ginástica, na cultura física. É um complemento desta. Um indivíduo pode ser de natureza forte, bem constituído. Pode praticar desporto, usufruindo de vantagens físicas, quando em competição. Mas o facto, só por si, não o imune de um perigo se abdicar da preparação adequada à modalidade que pratica.»

Mais adiante: «O desporto serve a todas as sociedades. Pensar que é privilégio de uma, é erro. E ainda: «Rapazes ou homens, sem cultura, sem noções higiénicas, que mal se lavarão, que desconheciam o que era uma escova de dentes, que faziam a barba duas vezes por semana e levavam a água de rega-lhos para o banheiro do desporto, para onde foram de modo próprio ou arrastados, uma autentica terra de promissão, que os tem transformado radicalmente. Reduciam-se, cultivam-se, abrem o pensamento a outros horizontes. São outros homens, por obra e graça do desporto, da tal história da carochinha!... Não tem, em pó, uma alta função social?»

Estamos inteiramente de acordo com a doutrina expressa por Lauro Moreira. As suas palavras serviram para confirmar que a causa pela qual nos batemos tem defensores idealista e estrenuos. Por isso trazemos os assuntos às nossas colunas — porque mal nos ficaria se nos calássemos.

ESGRIMA

JORGE OOM

mantém o seu título de campeão de Sabre

Efectuou-se na Casa da Mocidade a disputa do campeonato nacional de Sabre, organizado pela Federação Portuguesa de Egrima. O torneio refinia a inscrição de 18 atletas, divididos por duas eliminatórias, na segunda das quais faltaram, nada menos, quatro concorrentes.

A final forneceu a seguinte classificação: **Campeão nacional**, dr. Jorge Oom, do G. C. P., com 9 vitórias; 2.º, Jorge Matias, da E. E., 8 vitórias e 1 derrota; 3.º, Andrade Barreto, do G. C. P., 6-3; 4.º, Costa Freitas, da E. E., 5-4 33 toques recebidos; 5.º, Duarte Silva, também da E. E., 5-4, 40 t. r.; 6.º, J. Paiva e Pona, da M. P., 4-5; 7.º, Pinto Ferreira, da E. E., 3-6 39/33 toques; 8.º, Evangelista Marecos, da M. P., 3-6, 39/28 t.; 9.º, Robin de Andrade, da E. E., 2-7; 10.º, Pinhão Borges, da A. P. E., 0-9.

No nosso próximo número publicaremos a habitual crónica de apreciação.

que todos os adeptos do «hand-ball» des-javam e os «trezistas» voltam, para obter sobre o Internacional um dos mais expressivos resultados, brilhar contra o Sporting, numa exibição inteligentíssima, em condições muito difíceis, e forçar o Unidos ao empate — que só não foi vitória sua por caprichoso destino nos últimos segundos da partida. Não é leviandade, portanto, aconselhar cautela aos seus futuros adversários.

ESSECÊ

BASKETBALL

Começou o campeonato nacional

A festa da Associação e o torneio corporativo

TERVE certo brilhantismo a festa anual da Associação de Basketball, que incluiu como atractivos, além da distribuição dos prémios aos campeões das épocas de 1940/41 a 1942/43 os encontros Belenenses-Benfica e Sporting Campo de Ourique — este para o desempate na classificação do último torneio e a consequente descida de divisão.

Os «cões», mais calmos nos lançamentos, obtiveram uma vitória algo expressiva, mostrando a nda maior entendimento e decisão.

O sr. José de Aiala Boto, inspector dos Desportos e como representante da Direcção, Geral, procedeu à entrega das taças, em número de 40 e a distribuir por 20 clubes: Belenenses (7), Operário (5), Algés e Dafundo e Atlético (4), Ateu Ferroviário, Campolide, Maria Pia e Tabacos (2), e Benfica, C. I. F., Fábrika de Sacavém Futebol Benfica, Ginásio Clube, Lisgás, Moscavide, Pedrouços, Pena, 1.º de Janeiro, Unidos e Liberdade.

A presença dos campeões femininos — Ateu Ferroviário e Belenenses — deram à festa uma nota de graça osada, que o público soube sublinhar com aplausos.

Terminaram os campeonatos de Lisboa. Arquivemos os nomes dos vencedores desta época: **divisão de honra** — Carnide, em 1.ª categoria; Belenenses, em 2.ª e 3.ª; e Sporting, em 4.ª. **Primeira divisão** — Moscavide, em 1.ª; Ateu Comercial, em 2.ª; e Campolide, em 3.ª e 4.ª. **Segunda divisão** — G. D. Tabacos, nas duas categorias. **Promoção** — Marvilense, em 1.ª; e Académica, da Amadora, em 2.ª categoria.

Verificaram-se muitas desistências em categorias inferiores. C. B. de aqui acentua a crise de valores que o «basket» atravessa, por carência de elementos capazes de substituírem os que vão abandonando. Há que procurar na juventude quem substitua aqueles que são hoje o sustentáculo das equipas. É por este motivo que reputamos da máxima importância o campeonato de juniores, a disputar brevemente.

Campeonato Corporativo

A F. N. A. T. faz disputar este ano o 2.º campeonato nacional corporativo de «basket», aberto aos trabalhadores de Lisboa, Pôrto, Coimbra, Évora e Braga, podendo ainda estender-se a outras regiões, desde que a inscrição o justifique. Na prova não podem tomar parte jogadores qualificados na presente época pelas associações distritais ou Federação.

Disputa-se em duas categorias e estão inscritos 14 grupos, na 1.ª, e 21, na 2.ª.

Campeonato nacional

Começou o campeonato nacional de «basket», compreendendo duas divisões: à primeira, concorrem os três primeiros classificados de Lisboa (Carnide, Unidos e Belenenses), os dois primeiros do Pôrto (Vasco da Gama e F. C. Pôrto) e os campeões de Coimbra (Sport Conimbricense); a segunda rúndio 35 clubes, dos quais, 21 de Lisboa, agrupados em seis séries, 3 do Pôrto, 6 de Coimbra (series de Coimbra e Figueira da Foz) 3 de Setúbal (2 do Barreiro e 1 de Setúbal), 1 de Aveiro e 1 de Évora. Compreende duas fases: a preliminar, para apuramento dos vencedores das respectivas séries, e a do torneio final, a disputar em um só jogo, a eliminar.

Carnide e Belenenses foram ao Pôrto e Coimbra defrontar o F. C. do Pôrto e o Sport Conimbricense, e o Unidos recebeu no campo da B-avista a visita do Vasco da Gama.

Dos representantes da capital, só o Belenenses conheceu a derrota, p is foi vencido por 39-27; esta diferença de 12 pontos é suficiente para traduzir o valor dos campeões de Coimbra.

Unidos-Vasco da Gama, com o desfecho de 41-33 a favor do primeiro, foi das partidas mais bem disputadas, nesta temporada, em Lisboa.

A técnica perfeitíssima do Vasco da Gama permitiu-lhe comandar, na posição de vencedor, grande parte do encontro; em jogadas de rapidez desconcertante, os campeões norte-nos afirmaram classe superior. O Unidos, porém, não se deixando intimidar pelo valor do adversário, soube esperar com acerto o momento oportuno e, aproveitando a quebra de energia do Vasco da Gama, motivada pela velocidade com que se disputou todo o encontro, impôs-se-lhe brilhantemente, realizando um jogo em que, de facto, os seus elementos se mostraram *unidos*. — J. A.

O encontro do Pôrto

A exibição do campeão nacional no Pôrto não satisfiz em absoluto. Talvez por se encontrar em noite de menor inspiração, o Carnide não pareceu aquêle «cinc» de regularidade assombrosa, que tanto impressionou os portugueses no último ano. A progressão faz-se bem, mas sem a fulgúncia de outrora.

Talvez o grupo se ressentia de passageiro declínio de alguns dos seus homens, como, por exemplo, João Cruz. O avançado carnidense não se mostrou possuidor de vastos recursos como lançador, embora regular nas entregas, mas denunciando os passes pelo abuso de fintas iguais. Estimaremos deveras vê-lo regressar à plenitude da sua forma.

Amoral bem — mas sem largos vôos. Dias, seguro e lançando com relativa pericia. Souto e Mendes, habéis e atentos. Faria, em episódios de jogo, foi, ainda, jogador com posição definida. Ruy, regular.

No conjunto do F. C. do Pôrto, que continua a não saber lançar, nem mesmo os «livres» (ter-lhe-iam dado a vitória se os houvesse aproveitado...). Pires foi, de longe, o melhor — com lugar firme no duo defensivo, por mérito próprio. No ataque, o extremo esquerdo denotou habilidade e foi o melhor lançador. Lopes Martins regular e Alvaro animoso.

Arbitragem certa na 1.ª parte — mas rigorosa na 2.ª. Foi, contudo, autoritária, como exigia um jogo desta importância — M. A.

BARREIRA DE SOL

Algés, 23 de Abril.

Três quartos de casa fartos e uma tarde de verão.

Quatro toiros de A. Teixeira para cavalo. Três mansos e um animal que degenerou da sua estirpe, acusando casta e temperamento.

Simão e Alberto L. Lopes, diligentes mas pouco felizes, logrando o segundo palmas em dois pares de bandarilhas a duas mãos, colocados com certa precipitação.

Quatro garraios de Soler para a parelha cigana *Gaganho — Gitanillo de Triana II*, que deu a nota característica dos toureiros da sua raça.

Gaganho, toureiro de escândalo há bons quinze anos, esteve apático no seu primeiro, suave e inofensivo, ministrando ao outro garraio, bronco e que só passava à força de mando uma *faena* «pinturera» de que há a destacar os três soberbos ajudados com que a iniciou, dois naturais bem ligados com o de peito e uma bela série de «*arrechazos*».

Gitanillo esteve também feliz na lide de um dos seus garraios e na «*faena*» que ministrou ao toiro de cavalo, a que acima fazemos referência, farpado por Lopes.

Dos pares excelentes a quarteto, do bandarilheiro português Joaquim Oliveira.

J. E.

Oportuna saída de Azevedo, que repele a bola a soco



O 3.º ponto portuense. Ao fundo, o juiz de linha está ainda de bandeira no ar, assinando o «off-side» que procedeu o tento

Barrigana arrebatava valentemente a bola a Peyroteo. Guilhar e Mourão acorrem — com intenções diferentes, como é natural...



(fotos Nunes de Almeida)

"TAÇA de PORTUGAL"

Algumas fases do principal jogo da 2ª mão dos oitavos, no qual o **F.C. do PORTO** eliminou o **SPORTING**



Peyroteo marca o 3.º «goal» do Sporting



Num remate a um canto, Barrigana desvia a bola no momento culminante. Observe-se a forma como conseguiu deter a marcha do esférico



Dois formidáveis «patadas»... António Marques e Guilhar luta pela posse da bola. O primeiro conseguiu rematar perigosamente



A «IMPÉRIO», é a única Companhia autorizada a cobrir os riscos derivados das práticas desportivas. Seja previdente, adquirindo uma apólice da «IMPÉRIO» — a Companhia de Seguros que dispõe de maior capital

COMPANHIA DE SEGUROS «IMPÉRIO»
Rua Garrett, 56 — LISBOA

DIAS SANTOS E JOEL SEQUEIRA

São campeões distritais de fundo, respectivamente nas categorias de seniores e juniores. Pinto Ribeiro Joel, Aug. Leandro e Dias Maia vencedores das corridas de domingo

QUANDO os corredores amadores seniores partiram no domingo, para a última prova do campeonato distrital de fundo, disputada no percurso Lisboa-Bombarral-Lisboa, havia um concorrente que era indiscutivelmente o pretendente número um ao almejado e honroso título. Era esse corredor Dias Santos, do Sporting, e possuía, sobre o adversário mais de temer, «o iluminante» Manuel Rocha, uma vantagem de 5 pontos. Para vencer bastava apenas ao «leão» não deixar intercalar, entre si e aquele estradista, mais do que 5 concorrentes.

Por seu turno Rocha, que partia com o total de 25 pontos, se quisesse ganhar teria de distanciar o sportinguista, não só os já citados 5 lugares na classificação, o que já de si era tarefa difícil, como não podia também consentir à sua vanguarda nem Tavares da Silva nem Aristides Paulo, ambos com 24 pontos, e teria ainda de chegar, no caso de não vencer a prova, logo a seguir a Pinto Ribeiro que totalizara 23 pontos.

Partiram assim, desta vez, os corredores mais preocupados com a maneira como poderiam alterar as classificações com que saíam de Lisboa sem se importarem se que ponto os levariam os seus reais recursos.

E foi semelhante estado de espírito que ditou a marcha das operações...

Atacar desde o princípio

A pensar que uma fuga iniciada longe dá méta podia desmoralizar os restantes contendores e ainda fiado na sua já conhecida resistência, Manuel Rocha, que só se poderia salvar atacando — foi quem primeiro rompeu as «hostilidades», isolando-se a caminho de Loures, acompanhado apenas de Baptista Alves. Sem que de tal iniciativa adviesse qualquer vantagem para o «iluminante», o certo é que serviu para demonstrar que o «leão» Dias Santos não estava na disposição de ceder. Sozinho, voluntarioso e em «passo» rijíssimo, em 5 quilómetros neutralizou o atrazo.

Estava, porém, escrito que se o «leão» queria conquistar o título muito tinha de lutar. E que mal havia «recolado», outros dois homens se adiantaram: Pinto Ribeiro e Espadinha.

Uma bonita fuga

Foi de facto oportuna a fuga destes dois estradistas, pois dela veio a sair o vencedor. Em marcha, que nos primeiras duas horas atingiu a média de 35 quilómetros, Pinto Ribeiro passou em Tôres Vedras com 3 minutos de avanço, depois de se desembaraçar de Espadinha; virou no Bombarral com a vantagem de 6 m. e chegou a Lisboa 10 m. antes do segundo classificado...

Se esta fuga provou a resistência do nóvel corredor do Lisgás, que, embora chegasse ao Estádio bastante fatigado, não deixou no entanto de cometer proeza de vulto, também serviu para demonstrar que Dias Santos é hoje, incontestavelmente, o nosso melhor amador, e que Rocha, porco mais pode progredir, ao contrário do sportinguista que ainda deve melhorar, mas é o que melhor lhe dá a réplica.

Em todo o percurso de Loures ao Bombarral, dos homens que ficaram no pelotão, só Dias Santos atacou, só ele tentou alcançar os fugitivos e só ele deu animação à corrida. Como também só Rocha foi quem, com teimosia digna de aplausos tentou mudar a feição da prova e, possivelmente, das classificações.

Os alunos do Instituto Comercial voltam às práticas desportivas

Os alunos do Instituto Comercial de Lisboa, que tiveram uma animada sala de armas a funcionar desde 1935 a 1941, vão retomar a actividade, não só na esgrima como em outros desportos.

A respectiva regulamentação está elaborada e aguarda a aprovação das entidades competentes.

Dias Santos, chegou mesmo, a ficar retido na estrada, primeiro a arrancar a corrente e depois a mudar de máquina, atrazando-se uns 800 a 1000 metros. Pois apesar de virem no pelotão um Tavares da Silva, um Aristides e um Ernani Ribeiro, tão mal se entreajudaram, ou por outra, com tão pouca convicção pedalarão, que em 8 quilómetros o marinho alcançou-os.

Que era também afinal Rocha o único capaz de dar réplica ao campeão viu-se em Carniche, onde ele conseguiu esgueirar-se a toda a gente, conquistando um honroso segundo lugar, na prova e no campeonato.

A prova foi dura

É certo que a actuação dos seniores no domingo deve ter-se ressentido, ainda, do esforço (algo) violento despendido, oito dias antes, na caminhada contra relógio. No entanto, à excepção de Pinto Ribeiro, vencedor da prova, e de Santos e Rocha, tudo nos pareceu «pesado» e a pedalar como se fosse... a fazer um «frete»... Ocorre-nos perguntar porque perderiam Tavares da Silva, Ernani e Aristides aquela facilidade de movimentos que lhe eram peculiares? E porque não tem, já, Baptista Alves e António Soares aquele pedalar «suple», que nos dava a impressão de que correr em bicicleta nada custa?

— Isto, é claro, sem falar já na falta de convicção como alinham nas provas os «iluminante» Espadinha, Silvio e Amandio, uma «trindade de fleceidos» que bem pode ver se mostra algo mais de brio, se é que se pode possuir brio sem classe...

Resultados: Dias Santos, vencedor, que gastou 5 h., 7 m. e 42 s., chegaram Rocha, Dias Santos, Baptista, Ernani, Aristides e Amandio.

Desistiram António, Espadinha e Silvio.

A vitória de Joel

Tal como o seu colega de clube, Joel Sequeira ganhou com merecimento o título de campeão distrital, na categoria de juniores. Fisicamente bem constituído com um «calo» que já não é bem o de um junior, Joel, depois de se haver atrazado na prova de domingo, por avaria, voltou de novo ao pelotão após uma «caça» de 40 quilómetros, concluído por se isolar e chegar à méta com avanço superior a 5 m. em relação ao segundo classificado.

Manuel Catarino foi digno adversário de Joel, quer na disputa do título, quer na luta travada nesta corrida, onde chegou a fazer figura de vencedor. Logo que foi alcançado inferiorizou-se um pouco, vindo a ser batido na parte final da prova por António Lopes, Mota Domingues e Maximino Silva.

Tempo do vencedor: 3 h., 26 m. e 57 s.

Percurso: Lisboa-Torres-Lisboa, 104 quilómetros.

As restantes provas

Organizou também a A. C. S. as segundas provas dos campeonatos de iniciados e veteranos, ambas disputadas pelo sistema contra-relógio.

Nos iniciados triunfou, com incontestável merecimento, Augusto Leandro, seguido de J. Barros, Porfírio Santos e António Oliveira.

Tempo do vencedor para 40 quilómetros, traçados entre Lisboa-Povoa-Lisboa: 50 m. 56 s. O segundo classificado gastou mais 2 m. 52 s. Terminaram a prova mais 17 corredores.

Nos veteranos, que disputaram a sua prova no percurso Lisboa-Alhandra-Lisboa 50 quilómetros, saiu vencedor Dias Maia, com o tempo de 1 h. 28 m. e 11 s. seguido de Conceição Rodrigues (1 h. 31 m. 25 s.) Duarte Martins e Joaquim Dias.

GIL MOREIRA

SEM LISONJA

COMEMORANDO o 40.º aniversário da sua fundação esta em festa o Sport Lisboa e Benfica.

Não é necessário pertencer à sua massa associativa, ou fazer parte da interminável falange dos seus adeptos, para prestar homenagem à popular colectividade, cujas obras e expansões se reflectem, benéficamente, em todos os sectores da actividade desportiva nacional.

Por isso, e por ser justo, quero aqui deixar registada a afirmação da minha admiração pelo «grande edifício» que várias e sucessivas gerações de clubistas dedicados e convictos souberam construir, ampliar e dignificar, contribuindo para que a agremiação agora em festa se mantenha, por direito e mérito, entre as mais consagradas e as mais justamente consideradas das praticantes e defensoras do desporto da educação física em Portugal.

Não sou capaz de andar com homens «ao colo» — mesmo em sentido puramente figurado... Lisongear, enalcer por hábito e vício qualquer concidadão, não está no meu feitio. Sou, por tempoamento e tendência, avesso a elogios descabidos e incapacíssimo de «pegar» num idolo — meu ou da «comunidade» — para a propósito de tudo ou de nada, o trazer ao primeiro plano, lhe dirigir frases amáveis (galanteios, por assim dizer...), ainda que, até certo ponto, essas frases sejam justas e merecidas.

Contudo, não quero deixar de registar aqui os louvores que, pelo seu comportamento nos recentes encontros inter-regionais, foram averbados e tornados públicos, pela Associação de Futebol de Lisboa, em relação aos jogadores Francisco Ferreira, Peyroteo, Barrosa e Varela Marques.

Parce que estes elementos se salientaram dos restantes pelo brio desportivo de que deram provas nos jogos em que tomaram parte, enfrentando os representantes de outras regiões.

Se nem todas souberam corresponder à honra da selecção, ou se a maioria se limitou a estar de «corpo presente», é absolutamente razoável que a F. L. A. tenha colocado em relevo estes quatro bravos rapazes que não se deixaram contagiar, que pesaram as suas responsabilidades e que actuaram com o mesmo entusiasmo, a mesma vibração, a mesma «seriedade» com que costumam empregar-se nos desafios mais importantes das suas respectivas agremiações.

Estes souberam cumprir o seu dever. E se a quem o cunha são merecidos agradecimentos, está certo que a sua Associação lhes tenha endereçado publicamente.

O que me faz confusão é a forma como tem sido explorado o exposto no comunicado oficial que tenho à minha frente. Verifico que a colaboração dos jogadores A, B, C e D — cujos nomes apontei — foi realçada, sem qualquer distinção que separe um dos outros. Por que motivos por aí se dizem agora — e se escrevem — referências especiais a um ou a outro do quarteto, em prejuízo dos restantes, que foram envolvidos no mesmo elogio oficial, só porque os demais não pertencem a determinado clube ou não são da simpatia pessoal e íntima de quem fala ou escreve? Que diabo! Haja moralidade... ou tragam-se todos, ao mesmo tempo, ao primeiro plano dos elogios...

E por estas e por outras que cada vez me conçoço mais que não tenho habilidade nem tendência para andar com homens ao colo — mesmo em sentido figurado...

E estou satisfeíssimo por isso...

RUI DE LISBOA

AOS DESPORTISTAS!!! AO PÚBLICO EM GERAL!!!

O vosso fato já está muito usado?! Não hesite. Vá apresentá-lo à AGENCIA COMERCIAL DE LISBOA Rua do Alcázar, 43-1.º LISBOA que, nas melhores condições, lho compra dando-lhe o seu justo valor. A casa que melhor compra todos os fatos usados TELEFONE 2 7 2 6 9

No torneio de classificação ao quadro 45/2

Alfredo Alinho foi o único concorrente que atingiu a média estabelecida para a 2.ª categoria

DISPUTARAM-SE recentemente em Espanha os campeonatos nacionais de ginástica entre estudantes do sexo feminino. Despertaram grande interesse — e foram ganhos por Barcelona. No país vizinho sucedem-se, com apreciável frequência, as provas de estudantes. O progresso de Espanha é por isso evidente — em vários desportos.

A «**Mocidade Portuguesa**» está realizando, com regularidade notável, a sua Campanha Nacional de Educação Física. Começou nos primeiros dias deste mês — e prolonga-se até o fim de Maio. A esta campanha, absolutamente oportuna, temos dispensado cooperação que não é apenas de publicidade desinteressada. Em tal iniciativa, colaboram também alguns dos nossos colegas de redacção, com palestras de propaganda. Dentro desta série, foi lida, ao microfone de «**Rádio-Lusos**», na última segunda-feira, uma palestra do nosso camarada Mário de Oliveira, sobre as condições de propaganda e expansão da natação em Portugal.

O União Piedade festejou, há dias, o 30.º aniversário da sua fundação; e o **Ginásio Clube Figueirense** vai festejar brevemente as suas bodas de ouro. Os clubes portugueses de desporto começam a aparecer com um passado relativamente longo. É um bom sintoma de continuidade de esforço — na defesa de uma obra. A ambos, os nossos parabéns.

EM Espanha, Peiró bateu Ferrer e ganhou o campeonato profissional da sua categoria. Quando Peiró venceu Beni Levi dividava-se do seu valor. Bastou, no entanto, para conquistar um título de campeão...

ESTÁ marcado, em princípio, para o dia 3 do próximo mês de Maio, que é feriado nacional, a final do campeonato da I Divisão, mas admite-se a antecipação da referida data, conforme a marcha do Vila Real e do Estoril na Taça de Portugal. Falta a escolha da cidade como campo neutro para os dois contendores. O Pórtu apresentou já a sua candidatura na imprensa.

Seria uma compensação para o público portuense, no caso de os dois clubes do Pórtu não passarem os oitavos de final da taça.

UMA ou outra vez aparecem observações ou comentários com certa graça. No último campeonato nacional de futebol na I Divisão, o Futebol Clube do Pórtu ficou à frente do Belenenses e dos clubes da provincia, quasi todos eles campeões distritais. Na Invicta havia por isso quem chamasse ao Pórtu o campeão dos campeões...

ESTAVA marcada para ontem e hoje a realização de dois espectáculos no Coliseu do Pórtu com uma companhia pouco vulgar — uma com anhia completa de amadores. Trata-se da Grande Companhia de Circo do Sport Clube do Pórtu, um dos melhores clubes portuenses de desporto. É composta de 300 amadores e os seus saraus têm sempre fins beneficentes. Os seus triunfos contam-se pelo número de espectáculos.

A natação lisboeta começa a animar-se com vista à nova temporada que deve abrir oficialmente em 7 do próximo mês de Maio. Os primeiros festivais foram os do Estoril e do Alges. Os valorosos rivais da passada época não descuram a sua preparação — e a sua actividade. Continua por isso a haver grande expectativa na natação.

DEVE abrir dentro de pouco tempo a exposição biblio-icongráfica com que a Naval 1.ª de Maio, da Figueira da Foz, festeja, este ano, o seu aniversário. É grande o número de espécies expostas. São 50 anos de actividade — em documentos e objectos de fácil observação. É simples — e sugestivo.

TERMINOU na penúltima semana o «Torneio de Classificação» na modalidade do quadro 45/2, que reuniu 38 concorrentes, tantos quantos os que disputaram a competição anterior, de jogo por tabela, com a surpresa de o dr. Francisco Branquinho se ter inscrito pela sala «Portugália».

A prova, como foi dito, não se destinava a eleger campeões, mas apenas a dar a conhecer o rendimento médio dos concorrentes, com vistas à sua arrumação na primeira, segunda e terceira categorias, trabalho que tinha forçosamente de preceder os futuros campeonatos para atribuição de títulos. Os resultados técnicos do torneio que concluiu agora não são tão animadores como os verificados no que o antecedeu. Enquanto neste último oito concorrentes se qualificaram como de segunda categoria, ao quadro 45/2 apenas um jogador alcançou essa classe: Alfredo Alinho, da sala «Portugália», com a média geral de 7,228.

Qual a lição a tirar d'este facto, tendo-se presente que o rendimento da tacada no quadro pequeno é mais elevado que no jogo por tabela? Uma questão especial dos nossos bilharistas para esta ultima modalidade? Menor conhecimento da técnica do jogo ao quadro? Sejam quais sejam as múltiplas razões de tão escassa existência, entre nós, de elementos de valor nos vários géneros de competição bilharística sujeitos a regras especiais e à margem da partida livre, uma delas, e por ventura a maior, reside certamente na falta de prática e de escola. Na verdade, o que falta nos nossos jogadores não é a capacidade de realização — recursos de tacada e conhecimento dos efeitos, que alguns deles atingem mesmo, nesses capítulos, a virtuosidade — mas sim a noção do processo ou processos de garantir a continuidade do jogo, de fabricar e dilatar a série; a ciência, delicada e subtil, de colocar as bolas de modo a assegurar a chamada da bola ao ponto propício, utilizando nessa chamada constante a conta de bola e a conta de força com a precisão requerida. Só o estudo e a prática insistentes da modalidade podem dar ao bilharista a visão e o pulso exigidos. A série da linha e a série no rectângulo central, as técnicas geralmente consagradas para vencer as dificuldades do quadro pequeno, não as vimos empregadas nem com a frequência nem com a firmeza que se podiam aliás esperar dos nossos jogadores de segundo plano, muitos deles cheios de habilidade e de intuição. É grande a necessidade de estimular os nossos bilharistas no aprendizado e cultivo de todas as nuances de carambola admitidas em competições oficiais. O reconhecimento de que ela existe que por certo inspira a A. P. A. B. no esforço que está despendendo com a organização dos actuais torneios de qualificação. O caminho a percorrer até se chegar a interessar todos os centros do País nas competições bilharísticas, é árduo e longo. Mas os primeiros passos estão dados e outros se vão seguir. Importa não desanimar e que a actividade do bilhar, agora em pleno desenvolvimento na capital, contagie, ao menos, o Pórtu, onde o desporto da carambola conta inúmeros e categorizados cultores.

Antes de darmos a classificação final do torneio que terminou, queremos lembrar aos nossos leitores as médias gerais fixadas para as várias categorias. São elas: igual ou superior a 12 carambolas, para a primeira categoria; igual ou superior a 7 e inferior a 12, para a segunda; inferior a 7 para a terceira.

Segue, agora, a classificação.

	Média geral	Maior série	Melhor médio partic.
2.ª Categoria:			
Alfredo Alinho.....	7,228	38	9,090
3.ª Categoria:			
Salvador Azancot.....	6,818	37	10,326
António Santos.....	5,133	42	8,333
Dr. Francisco Branquinho.....	4,863	38	6,250
Alvaro de Carvalho.....	4,713	40	5,741
Américo Torres.....	4,315	30	4,761
Dr. Jacome Delfim.....	4,294	28	5,000
Joaquim Galo.....	3,776	50	6,068
Fernando Sarzedas.....	3,750	25	5,000
Dr. Rogério de Miranda.....	3,743	33	5,405
Dr. Hildio Amado.....	3,314	24	3,921
José Cunha e Costa.....	3,043	31	3,339
Melo de Carvalho.....	2,875	21	3,636
Emídio Queilhas.....	2,813	26	4,545
Joaquim Neto.....	2,750	24	3,591
Dr. Moniz Pereira.....	2,701	20	3,846
Armando Gomes.....	2,452	22	3,846
Luiz Aquino.....	2,393	19	2,816
Nelson Lopes Pereira.....	2,241	21	2,978
George Duff.....	2,127	17	2,300
Eduardo Ribeiro.....	2,107	21	2,439
Raul Mesquita.....	2,031	22	2,631
Santos Henriques.....	2,030	29	2,567
Dr. Joaquim Pissarra.....	1,966	14	2,127
Vasco Albuquerque.....	1,964	21	2,272
Dr. Manuel Vaquinhas.....	1,842	24	2,125
Luís Rosa.....	1,834	15	2,107
João Pulido Garcia.....	1,683	14	1,875
Armando Reis.....	1,679	12	2,000
Jorge de Oliveira.....	1,646	20	1,904
Aermans Barach.....	1,586	13	1,790
Belo Redondo.....	1,567	13	2,222
Carlos Vivaldo.....	1,457	10	1,740
Dr. Oliveira Jardim.....	1,334	14	1,818

Alfredo Alinho, batido pelo dr. Francisco Branquinho no jogo por tabela, tomou-lhe a dianteira no quadro 45/2, qualificando-se para a categoria superior. Tem interesse notar que o segundo dos referidos jogadores, bem como Alvaro Carvalho, Américo Torres e

Salvador Azancot, que na competição anterior (partida por tabela), registaram médias particulares superiores a 25 carambolas, mais elevadas, portanto, que a média geral exigida para a primeira categoria e, por isso, melhoradoras de valor pessoal, não lograram, desta vez, no quadro pequeno, alcançar média geral que os elevasse à segunda categoria. E ocorre perguntar: Como vai organizar-se o Campeonato de Lisboa de 45/2, em segundas categorias, se apenas um jogador se qualificou para nelas ingressar? Já se aventou baixar os limites das médias gerais estabelecidas para a qualificação dos jogadores. Não podemos concordar. Não pretendemos campees de trazer por casa, mas campees com a estatura conveniente. Os tenores em decadência é que costumam baixar de tom as partituras para as podermos cantar. Por outro lado, tal expediente colocar-nos-ia fora dos regulamentos internacionais, sendo todavia certo que, através da valorização dos nossos bilharistas, o que visamos, justamente, é a nossa actualização futura em provas internacionais.

Salvador Azancot creditou-se de melhor média particular e Joaquim Galo da melhor série

Salvador Azancot, jogador de boa presença, sereno e com futuro se puder e quiser dedicar-se, obteve a melhor média particular do torneio: 10,326, seguindo-se-lhe Alfredo Alinho com 9,090 e Antonio Santos com 8,333. Todas elas, como se verifica, acima do limite mínimo fixado para ingresso na segunda categoria. Joaquim Galo realizou a maior série: 50 carambolas, tendo António Santos feito 42, Alvaro de Carvalho, 40 e o dr. Francisco Branquinho, 38. A série de 50 é notável, por se tratar de um jogador que se colocou em 7.º lugar na terceira categoria.

Valem os números citados, sobretudo, como afirmação de possibilidades por parte dos concorrentes que os averbaram. Um facto a salientar: a vitória de Américo Torres na sua partida com o dr. Branquinho, vencedor do torneio anterior e que era um dos favoritos da prova agora concluída. Merece também a pena dar os palmos aos que traduzem o acto: Sr. de Azancot no total das suas seis partidas, para se ver quanto pode influir no sentido de baixar a classificação de um jogador, numa competição a decidir pelas médias gerais, uma partida tocada de extrema infelicidade. Média particular de 10,326 contra Joaquim Neto; de 6,856, contra Joaquim Galo; de 7,622, contra António Santos; de 7,407, contra dr. Jacome Delfim; de 6,290, contra Emídio Queilhas, e de 4,651, contra Alvaro de Carvalho. Foi a última das médias apontadas que vitimou Azancot, tirando-o para a terceira categoria, pois que sem ela a média geral teria sido de 7,518.

A entrega da taça destinada ao jogador que realizasse a melhor média geral fez-se, na sala *Portugália*, que foi a entidade oficiante. Recebeu-a Alfredo Alinho, por entre palmas dos inúmeros circunstantes, das mãos do sr. coronel Joaquim de Azevedo, presidente da Associação Portuguesa dos Amadores de Bilhar, o qual teve palavras de muito apreço para as facilidades demonstradas por aquele jogador. Estavam presentes vários dos concorrentes ao torneio e elementos dirigentes da A. P. A. B. Todos saúdam Alfredo Alinho, exaltando a sua real capacidade de bilharista e incentivando-o a valorizar-se cada vez mais a fim de abrir caminho para as provas de grande responsabilidade, as que verdadeiramente consagram e celebrizam.

A PRONTO E A PRESTAÇÕES

Candelários de mesa e teto // Fogões e gás
Arrios para casa de banho e para Electricidade

ELECTRO-GLÓRIA, LTD.

Telefone 2 4050 Rua da Glória, 20-A

ANO XII — Lisboa 26 de Abril de 1944 — II SÉRIE-N.º 73

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.

Composição e impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Campeonatos Distritais de CICLISMO



1 — Dias Santos, do Sporting, campeão distrital de amadores seniores; 2 — Pinto Ribeiro, do Lisgás, corta a meta em vencedor da prova de amadores seniores no último domingo; 3 — Augusto Leandro, do G. D. "Iluminante" que conquistou a vitória da categoria iniciados; 4 — Joel Sequeira do Sporting, campeão distrital de amadores juniores; 5 — Dias Maia, vencedor da prova contra-relógio dos veteranos



40.º ANIVERSARIO DO S. L. BENFICA:

1 — A mesa de honra da sessão solene, presidida pelo sr. Director Geral dos Desportos, no momento em que falava o sr. Capitão Ribeiro dos Reis; 2 — O sr. Tenente-Coronel Sacramento Monteiro ao entregar um dos prêmios a Alfredo Valadas.





1

Mais alguns aspectos
das **COMPETIÇÕES**
de **DOMINGO**

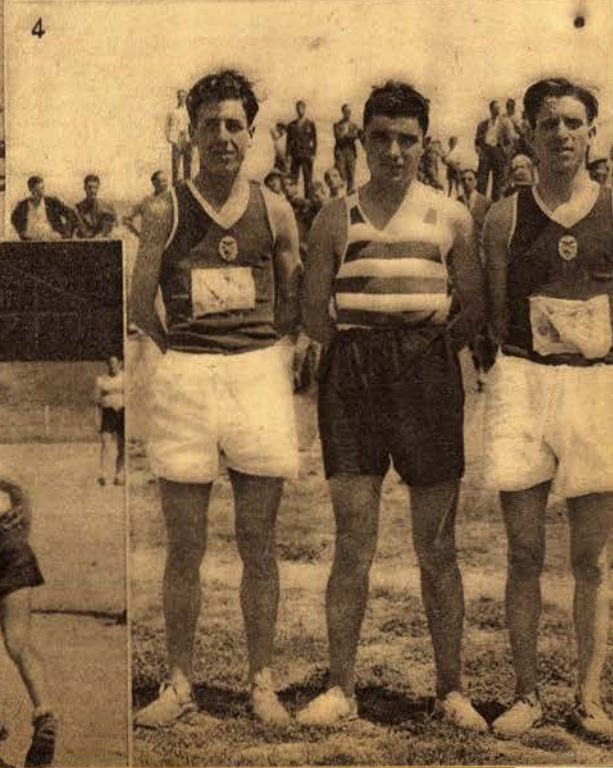


2

RUGBY: 1 — Fase do jogo Sporting-Benfica. Anibal conduz a bola. HAND-BALL: 2 — No encontro entre o Estoril Praia e os «leões», jogado no Lumiar e ganho pelo Sporting; 3 — Instantâneo colhido no desafio Unidos-«Os Treze». ATLETISMO: 4 — Os campeões de Lisboa na modalidade «corta-mato»: a contar da esquerda: João Silva, do Benfica (séniores), Afonso Marques, do Sporting (juniões) e Manuel Gomes, do Benfica (principiantes).



3



4

A SITUAÇÃO DO ATLETISMO NO PÔRTO VAI RESOLVER-SE

Abrilhante palestra do dr. Salazar Carreira, preferido na sede do F. C. do Porto por iniciativa da STADIUM, e as diligências feitas por aquêlê camarada junto das figuras mais representativas do atletismo português, vão surtir o efeito lá muito desejado: resolução imediata do estado caótico em que se encontra a modalidade na nossa terra.

Estão de parabéns a STADIUM e o nosso estimado camarada, pois sem a sua iniciativa, talvez o «problema» se eternizasse por mais uma época, com manifesto prejuízo para a renovação da população praticante. É isto porque se não se realizassem os torneios e os respectivos campeonatos, o numero de «lotes» de jovens que este ano apparecem nos clubes, «traídos pela belza e pelo poder salutar do atletismo, acabaria por desertar e prender-se a outras modalidades desvirtuando de melhor ambiente...

Foi pois no momento mais oportuno que o dr. Salazar Carreira nos visitou e que a STADIUM tomou a iniciativa de o fazer falar perante os nossos desportistas. Sentimo-nos «satisfeitos» com isso, depois de tantas vezes aqui focarmos o estado de desorganização deprimente em que se encontra o serviço da A. P. A. — associação que praticamente não existe há duas épocas. É que se os nossos apelos e sugestões não encontraram eco nos dirigentes norteños, conseguimos, pelo menos, despertar o interesse dos dirigentes sudistas, que vieram agora trabalhar em prol de uma causa alheia e dar magnífica lição aos «comunistas» de cá...

A situação do atletismo português vai resolver-se — disse temos agora a certeza. Há dias, falando com o sr. Mário de Carvalho, delegado da Direcção Geral dos Desportos, tivemos o prazer de o ouvir afirmar que a situação do atletismo português não pode continuar a manter-se como está. Vai ser dada nova oportunidade aos clubes, disse-nos, para se reorganizarem definitivamente a sua associação de Atletismo, mas se dentro do prazo estabelecido a attitude descuidada de que se mantiver, será então a própria Direcção Geral dos Desportos a resolver o problema da A. P. A., com a nomeação official de uma Commissão Administrativa. A actual situação do atletismo português e que não pode manter-se, a bem do Desporto Nacional. E não se manter, garantimo-nos se terminará.

O atletismo português tem portanto razões de sobra para estar profundamente grato à nossa revista, pois foi mercê da campanha que lançamos que o estado caótico em que se encontra vai ter, imediatamente, resolução profícua e benéfica.

Ainda a conferência do dr. Salazar Carreira. Outros clubes se mostram interessados em fazer ouvir a palavra do nosso querido camarada aos seus atletas e associados. Na sua proxima visita a esta cidade, falará na sede do Villanovense, onde STADIUM organizará nova reunião.

Para quando a homenagem dos portugueses a Herculano Mendes?

Falou-se já na realização de uma festa de homenagem a Herculano Mendes, valoroso atleta do Académico e praticante desportivo norteño dos qua mais prestigiaram a sua terra, quer pelos resultados técnicos que obteve, quer pela maneira correcta com que sempre se comportou ao descer no terreno de luta. Contudo, o comodismo de alguns e a falta de iniciativa de outros, ainda não permitiram que essa justa homenagem tivesse realidade.

Encontramos há dias Herculano Mendes. Falámos de atletismo, como não podia deixar de ser, e o brilhante atleta, depois de lamentar, como nós, o estado caótico a que a modalidade chegou na nossa terra, garantimo-nos que esta época se apresentará ainda na pista do Lima, onde tencionava fazer as suas derradeiras despedidas. O ano passado despediu-se do publico de Lisboa, perante o qual actuou pela ultima vez. Os lisboetas prestaram-lhe uma homenagem que jamais esquecerá. Recordá-lo, e recordá-la é sempre com saudade. Este ano vai entrar em ligeiro período de preparação, para se despedir do publico do Pôrto, cidade onde começou e onde quer acabar a vida de praticante de atletismo. Parece-nos, pois, que chegará o momento oportuno de se prestar merecida homenagem ao consagrado atleta. Porque não pensa nisso o Académico e a Associação regional?

Ans que tomarem essa iniciativa, STADIUM promette-lhe desde já a sua franca colaboração.

Sangueiros, Académico e Porto continuam os seus treinos de preparação, com vistas à época que se aproxima. Não faltam elementos jovens, a maior parte dos quaes vai apparecer pela primeira vez nas nossas pistas. Fala-se até em certas revelações. Por tudo, o ambiente não pode ser mais optimista. Bom sinal... desde que a situação da A. P. A. se resolva...

dem particular e profissional, Rodrigues regressa à modorra — e parece que na plena posse dos seus recursos.

*

Pessoa amiga diz-nos, de Espanha, que os campeonatos escolares de Atletismo daquele País tiveram lugar no dia 6 de Abril, em Madrid. E esta informação sugere-nos algumas considerações.

Lá fora, a maioria dos praticantes vem das escolas e das universidades. Pela sua cultura e pelas condições de vida profissional, o estudante dispõe de mais tempo para treinos de preparação e está melhor apetrechado para compreender e assimilar certas dificuldades da difficil técnica do atletismo. Por isso se compreende que noutros países o atletismo escolar esteja tão desenvolvido e forneça elevado contingente de campeões.

O mesmo não acontece em Portugal, por várias razões, entre as quaes esta que vamos apontar, sugerida pela amável noticia que nos enviaram de Espanha.

Trata-se da marcação de datas para os campeonatos escolares e universitários. Estes, quando se fazem entre nós — bons tempos — occorrem geralmente os meses de Maio e Junho, momento preciso em que o estudante se via atrefado com a preparação para a época de exames. Por isso, o atleta tinha de dar lugar ao académico, trocando naturalmente a pista pelo livro.

Assim se explica, pois, até certo ponto, o desinteresse a que os Campeonatos Escolares são votados, e Repare-se, porém, como se procede aqui bem perto de nós: os estudantes têm os seus campeonatos em pleno período de férias — as da Páscoa — e portanto em antecedência à época em que o seu trabalho académico mais esforço e mais attenção exigem.

Não seria de aconselhar seguir-se, entre nós, o exemplo que nos vem de Espanha?

HANDBALL

Ainda os inter-cidades vistos do Pôrto

SOBRE o último inter-cidades, que proporcionou vivos comentários e, como sempre, ásperas censuras a quem selecciona — quando os resultados são negativos — conseguiu-se, apesar disso, dar nova vida à modalidade. Serviu de referência para estudo das possibilidades actuaes do «handball» no País.

Dois pontos indiscutíveis: simultaneamente, subida de valor de Lisboa e interloridade do Pôrto. Isto quer dizer, evidentemente, que o «handball» nacional decresceu tecnicamente, embora haja maior equilibrio nas duas principais cidades. Pelo segundo jôgo, que foi conduzido completamente pela selecção lisboeta, embora não com a clareza técnica que o dominio territorial accusou, avallou-se que o resultado do encontro effectuado antes na capital foi caso esporádico.

O onze norteño, insufficiente por diversos motivos, denotou deficiências que deviam e podiam ser corrigidas no espaço entre os dois jôgos.

Hoje — é tarde para remediar; e se é condenável o «dobrar» a finados» que se ouve por toda a cidade, não é menos condenável o argumento da ausência de alguns jogadores como atenuante do fracasso.

Ridículo sebastianismo...

Incontestavelmente victoriosa, a equipa sudista não convenceu. E se fizemos confrontos com outras seleções que nos têm visitado, a actual fica em desvantagem em relação às anteriores. Forte apenas em quatro elementos (Miranda, Natividade, Délio e Vicente) todo o resto se nivelou ao vulgar.

Como conjunto — que é o mais difficil numa selecção — não satisfaz. Apenas no manobra pessoal foi mais rápido que o do Pôrto.

O seu jôgo é demasiado enérgico, talvez pelo retardamento da bola, o que destrói a beleza da modalidade.

A arbitragem foi absolutamente imparcial, mas reforçou a idéia de que os árbitros portugueses são mais concededores das regras. Alguns pequenos deslizes, tão infantis, que nos surpreenderam. Erro de interpretação? Não é só isso, cremos.

O Estádio do Lima vai desaparecer ou mudará de mãos?

AGITA-SE extraordinariamente o assunto do desaparecimento do Estádio do Lima, o nosso melhor campo de jogos.

O labôr desenvolvido pela direcção do Académico e por um conjunto de sócios está condemnado a fracasso absoluto, se não houver maneira de evitar que os terrenos e edificios sejam disputados em hasta pública, para cumprimento do legado imposto à Misericórdia pela doadora desses imóveis. O destino, caprichoso, esfrangalhará em momentos o que levou anos e anos a fazer, à custa de inúmeras canceiras, sacrificios e largas somas de dinheiro.

Temos pugnado por uma lei de protecção às instalações desportivas, sem a qual nenhum clube poderá viver socegado, à mercê de uma decisão governamental ou camarária, ou até mesmo do capricho de qualquer proprietário que venha despojar-lo do que tanto custou a criar e a construir.

O Académico tem atrás de si larga obra em prol do desporto nacional, de tal projecção que lhe valeu a concessão do grau de cavaleiro da Ordem de Cristo, recompensa da Nação à sua tarefa extenuante e persistente a favor do desenvolvimento físico da raça. Foi uma forma de reconhecimento official da sua acção disciplinada e eficiente pela causa desportiva. E o Académico, honrado com essa distincção official, nunca pensou que o seu denodado esforço teria outra recompensa que não fosse deixarem-no continuar a cumprir a sua acção de propagandista do desporto.

Não foi assim. Num momento, todo o edificio construído está ameaçado de desabar, ao péso de uma determinação testamentária. Para cumprir o seu legado, a Misericórdia terá de vender à porta do tribunal aquilo que ela tinha alugado ao Académico para fazer a sua grande Obra. Não há forma de, pelos processos actuaes, fugir a essa obrigação. Imperdoavelmente, as disposições têm de ser observadas.

Haverá maneira de as evitar, ou melhor, de as cumprir sem prejuizo para qualquer das partes interessadas? Talvez. Mas isso não depende da acção isolada da Misericórdia ou do Académico. Seria preciso que o Estado, pela Direcção Geral dos Desportos, viesse em auxilio do Académico.

De que forma? Não sabemos... ou calamo-lo, para não prejudicar as negociações entabuladas pelo clube do Lima.

No entanto, repetimos, se o largo imóvel jôr disputado em arrematação, o Académico pode, desde já, considerá-lo despojado de tudo, porque não faltarão capitais para adquirir, mesmo a péso de ouro, terrenos de tal forma bem situados como são os do estádio do Lima e do campo do Luso.

Não vale a pena referir à reunião realizada na A. F. do Pôrto. Estamos convencidos de que, apesar da boa vontade de todos, se não se passar do que ali vimos, o assunto morrerá, pois não é com protestos platónicos que se pode obter a desejada solução.

Preste-se, no entanto, a maior justiça à gente do Lima: desde o mais simples associado até ao mais cotado director, todos têm trabalhado afinadamente para que se mantenha em poder do clube o seu actual parque de jogos. Há ainda o oferecimento municipal para evitar que se perca ingloriamente o único campo em condições. Mas se essa fórmula pode dar satisfação à cidade — o que ela não dá, de forma alguma, é satisfação à massa associativa salvi-negras, que esperava algo mais para recompensar os altos serviços prestados pelo seu clube.

MÁRIO AFONSO

Causou reparo a impassibilidade da associação regional perante alguns casos de indisciplina, manifestamente conhecidos. Com as bases que o Regulamento facilita, não haveria dúvida em fazer aplicar a doutrina adequada, quando elementos que se exibem nos clubes recusam defender a honra desportiva da sua cidade.

Que os caprichos pessoais se revelem em âmbito clubista, ainda passa. Mas que possam attingir a entidade reguladora de uma modalidade desportiva — não!

LEME

O tipo ideal do tanque de ensino na opinião de um antigo dirigente

O sr. José Pedro da Costa é um antigo dirigente da nataçã de Coimbra. A sua vida profissional trouxe-o para o Pôrto. Estreou-se, aqui, na nataçã, com um inquérito aos actos de uma das últimas direcções da Associação de Nataçã do Pôrto. E foi depois investido nas funções de presidente do mesmo organismo, sendo também instrutor da «Mocidade Portuguesa».

Dadas as funções que tem desempenhado no Pôrto, afigurou-se-nos interessante ouvir o acêrca da nataçã nesta cidade. Além do que se fez na última época, e que nos pareceu trabalho de reorganizaçã, poder-se-ia ficar com uma idéa das perspectivas que a futura temporada oferece no norte do país.

As declarações do sr. José Pereira da Costa surpreenderam-nos, porém. Está deabalada, passe o termo. No ano passado foram «ó dois a trabalhar — o nosso entrevistado e Francisco Meireles do Galitos da Foz. Não houve mais ninguém que quisesse cooperar na missã que cumpria a direcçã.

— Não estou para isto — afirma. Em Coimbra prejudiquei o meu descanso e gastei bastante dinheiro. E o que se passou ali, na última época, teve, para mim, todo o aspecto do balde de água fria... Agora, pelo que respeita ao Pôrto, é só fechar as contas, concluir o relatório e convocar a assembleia geral dos clubes.

«— Um ano bastu — continua. Uma pessoa cansa. Os períodos de repouso são indispensáveis. Desisto de ser dirigente, por agora. Fica, apenas, o praticante, o propagandista e o treinador ou professor. Mantenho o mesmo entusiasmo pela nataçã. Mas limitar-me-ei a ensinar os rapazes da «Mocidade Portuguesa», na piscina do Liceu de Rodrigues de Freitas, e a propagandear, onde me for possível, e sempre que tenha oportunidade para tal, a excelência da nataçã como desporto. Dentro deste campo da propaganda há até uma coisa que

SEMANA A SEMANA

O campo do Ameal vai ressuscitar?

DEPOIS de ter sido palco dos maiores acontecimentos desportivos, antes da utilizaçã do estádio do Lima para os jogos internacionais, o campo do Ameal desapareceu da cena do desporto portuense, quasi de um dia para o outro, passando a plano secundário. Surge agora uma oportunidade: o Grupo Desportivo de Nova Sintra — onde a «mola real» não falta, ao que se diz — está na disposiçã de adquirir as instalaçõs existentes, ampliando-as com terrenos contíguos. O parque não ficará unicamente destinado a futebol, devendo construir-se as pistas precisas para a prática de varias das mais importantes modalidades. Aguardemos o futuro.

Rui de Araújo em foco

Parece que a situaçã de Rui de Araújo, em Braga, é algo confusa. Segundo as nossas informaçõs, o ex-sportingista está mal disposto com a direcçã do Sporting de Braga, ao que se diz em consequência do jogo ali efectuado entre os actuais campeões nacionais e a sua filial minhota.

A saída de Rui é caso assente. Damos, entretanto, a noticia sob reserva, não vá aparecer uma recomposiçã que conduza tudo à forma anterior...

E como na bola é tudo redondo, confidencial, nada mais razoável do que um entendimento, com o qual todos lucrariam.

O Vitória de Guimarães habilita-se?

Os campeões do distrito bracarense parece que estão na disposiçã de não deixar os seus créditos por mãos alheias, na próxima época. Afirma-se que receberão forte reforço de alguns dos elementos mais em destaque no futebol lisboeta. A título meramente informativo, fa-

zêmos não deixarei de proclamar, em tôda a parte perante o problema da construcçã de novas piscinas — o tipo ideal para comêço, em qual quer clube, é o dos tanques como o do Nacional, em Lisboa.

A conversa derivou para um problema curioso. Com o propósito de o analisar melhor, preguntámos se os tanques e piscinas do Pôrto não correspondem ao fim que determinou a sua construcçã ou aproveitamento.

— O tanque do Sport, na sua séde, é uma iniciativa interessante, limitada, ano a ano, aos meses que precedem a temporada de banhos na Foz do Douro. Não tem plataforma para ensino no sentido da maior extensã (12 50'); mas tem profundidade regular e é alimentado com água da Companhia. Cada vez que se muda a água, faz-se despesa elevada. A piscina do Liceu de Rodrigues de Freitas, com 17 metros, reduçã de um bonito tipo de piscina grande, é muito devassada pela passagem de alunos por determinado corredor, não podendo por isso ser utilizada durante parte do trabalho escolar. Estas dificuldades são, no entanto, compensadas com as deferências dispensadas ao corpo de instrutores. De tôdas as instalaçõs, a melhor é a do tanque do Feminino. Dispõe de água própria, boa e farta. É, ainda, muito fundo. Serve para quem sabe nadar, mas apresenta dificuldades para o ensino.

«Observando o que há no Pôrto — continua Pereira da Costa — cheguei à certeza de que o tanque do Nacional constitui o tipo ideal para os clubes que não podem construir piscinas propriamente ditas. É pequeno, tem pouca profundidade, mas serve para provas, para treinos e para as primeiras liçõs, quanto é especialmente preciso que o aluno não receba uma sensaçã de perigo ao entrar na água. É pequeno o volume necessário para encher o tanque, renovar a água e, até, para o seu aquecimento, e tem altura suficiente para os saltos de corrida. Um tanque desta ordem, resguardado dos ventos e voltado para o sul, pode permitir o seu aproveitamento quasi todo o ano.

— Temos, assim — conclui o sr. José Pereira da Costa — a síntese de há bocado: é barato, é económico — e basta, para comêço.

Findou deste modo a entrevista.

Ao sr. Pereira da Costa apresentamos, entretanto, os nossos agradecimentos pela forma como nos atendeu. Ficamos esperando que passe rapidamente a crise de desalento directivo e desejamos que se resolva ainda a continuar na presidência da Associação Portuense de Nataçã. A modalidade continuaria em boas mãos. E disso está bem precisada.

M. O.

F. PINTO COELHO
(HERDEIROS), L.^{DA}

Bicicletas e Acessórios

10, RUA BARROS QUEIROZ, 12
L I S B O A

mo-nos éco do que corre: dá-se como certa a inclusã, no grupo de Alberto Augusto, de Franklin, dos Belenenses, e de Rogério e Pires, do Benfica. Não sabemos em se baseia esta informaçã. Aguardemos mais algum tempo, a ver se aparece confirmaçã ao que é dado agora como simples boato...

Um gesto

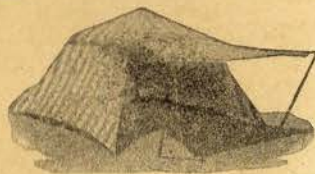
O grupo de associados do Académico que fez construir o «rink» de patinsagem, ofereceu o à direcçã do seu clube, num gesto altamente simpático. A secçã ficará a cargo de Adérito Parente e Danilo Couto, tendo a orientá-la, técnica e te, Correia de Brito e o engenheiro Rodrigo Viana. Pena será que todo este esforço se faça sem resultados...

Sombrieros
Barracas PARA PRAIA
Tendas E MATERIAL
DE ACAMPAMENTO



Consulte sempre a
SOC. INDUSTRIAL
DE TOLDOS E
ENCERADOS

R. Vale S.^{to} António, 59
TELEF. 2 5357 LISBOA



Toldos do sistema especificados

MÓVEIS JOAL

DESENHAM, EXECUTAM E DECORAM

Av. Almirante Reis, 233-B (Carro do Arriero)
TELEFONE 4 4033
L I S B O A

TENDAS

e todo o material portátil para a prática de
CAMPISMO

VIEIRA CAMPOS
(ANTIGA CASA FIGUEIREDO)

215, R. da Prata, 217 LISBOA

Daniel Teixeira

Oficina de calçado desportivo do Beato
Especializada em todos os artigos para
desportos — Calçado e botins tipo
alentejano e «Mocidade Portuguesa»

Telefone 3 8278

CALÇADA DUQUE DE LAFÕES, 5
L I S B O A

G L I C O L
O IDEAL DA PELE
Produtos V. A. P. PORTUGAL

O único preparado que realisa a máxima beleza,
dando à pele o raro encanto da moidade.
À venda nas boas Casas da Especialidade
e principais farmácias — Depositários gerais:
Ventura d'Almeida & Pena

R. do Guardador, 20, 3.^o Esq. LISBOA
Enviamos amostras contra 300 em selos de c.

Mário Santana

Faleceu, há dias, Mário Santana. Talvez um tanto desconhecido da moderna geração do desporto, era, todavia, dos mais antigos jornalistas desportivos. Vinha dos primeiros tempos da imprensa da especialidade, fez parte da redacçã de vários semanários e revistas e foi redactor desportivo do «Diário de Notícias», durante muitos anos. Praticou diferentes desportos e pertenceu a um famoso grupo de forçados amadores. Era um jornalista de valor, como ainda provou em algumas crónicas publicadas em «Os Rídiculos». Lamentamos, por isso, a sua morte. E apresentamos o nosso cartão de pêsames aos nossos colegas do «Diário de Notícias» e de «Os Rídiculos».

Stadium

"TAÇA DE PORTUGAL"

No Campo Grande: 1 — Defesa do "Keeper" do Luso; 2 — Um "back" alentejano evita a entrada de Teixeira

Nas Salésias: 3 — Armando Jorge em ação; 4 — Catinana infiltra-se entre Feliciano e Serafim, mas Salvador defende com segurança



1

2

3